

A REGENERAÇÃO.

JORNAL DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA
ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL.

ASSIGNATURA:

ANNO.	PARA CAPITAL.	Rs.
SEMI-ANNU.		98000
		58000
ANNO.	PARA FORA DA CAPITAL.	Rs.
SEMI-ANNU.		108000
		58500

REDACTORES PRINCIPAES:

DR. DIANTE PARANHOS-SCHUTEL E BARBELL LUIZ AUGUSTO CRISTO.

ANNO II. N. 155

QUINTA FEIRA DO DIA MARÇO DE 1890

PERIÓDICO DE AS QUATRO FEIRAS DE S. CATHARINA

ANNUALIDADE DE 10 REIS POR LITRA

FOYER AVULSO 200 REIS

EXTERIOR.

Correspondencia Politica.

Paris, 7 de Fevereiro de 1870.

Sr. Redactor.

Não quero deixar de fazer o meu dever por este correio: acho-me porém tão constipado que sou obrigado a só enviar-lhe a palestra parisiense pelo próximo paquete.

Não posso no entanto deixar passar em silencio o primeiro baile das Tulherias onde uma multidão enorme reuniu-se ás 9 horas da noite. Suas magnestades imperiaes fizeram sua entrada pela grande sala dos marechães. Depois de terem atravessado esse salão, foram sentar-se na galeria de Diana onde tiveram lugar as apresentações. Feito isto o imperador deu o signal do baile e as duas orquestras começaram o seu roun. A meia noite passou-se ao grande salão da paz, onde uma magnifica ceia estava servida de que SS. MM. participaram. Depois da ceia todos voltaram á sala dos marechães onde a dança continuou até o amanhecer. Depois da ceia SS. MM. foram para os seus aposentos.

Esta festa foi esplendida: havia mais de 3000 convidados. Toilettes magnificas. O toilette da Imperatriz fazia-se notado: trazia um vestid de setim cor de agua do Nilo, com reflexos brancos.

Tambem fazião-se notar os toilettes da princeza Mathilde, de M.^a Magne etc.

No dia seguinte, o Sr. Chevreau, novo prefeito do Sena abriu os seus salões. Abi como nas Tulherias compareceu uma multidão enorme.

Todos os negociantes notaveis tinham aceitado convite. As festas do Hotel de Ville pareciam pertencer á magica. Flores em profusão, diversas salas de jantar perfectamente organisadas, uma ceia muito bem servida, e tudo realçado por uma recepção digna

e affavel, eis em algumas palavras a descripção da festa dada pelo novo prefeito do Sena. Julgamos, o Sr. e a Sr.^a Chevreau ganharem as sympathias de todos os seus convidados.

O frio que reina teve uma feliz influencia sobre o cerebro muito aquecido dos jovens demagogos irreconciliaveis. A paz está estabelecida há oito dias. Acabarão por comprehender que a caminhar no terreno em que tinham entrado, terião mais inimigos do que amigos. Um canção geral tinha-se apoderado da população sensata contra suas diatribes. As polemicas atacavam tudo quanto se fazia. Era preciso sempre derrubar para pôr de pé quem, é o que esquecido de dizer.

É facto que os novos ministros por mais que fizeram nunca contentarão os irreconciliaveis, julgando-o por M.^a Rochefort, o chefe venerado d'esse partido, o mesmo que tinha proclamado que o governo queria expulsão da camara e que hoje está furioso contra esse governo porque o condemnou só a seis meses de cadeia e a 3000 fr. de multa. Hoje reclama, dizendo que não é bastante. É verdade que esta condemnacão de 6 meses lhe é mais desfavoravel do que se ella fosse de cinco annos. Por esse julgamento, o governo prova aos senhores irreconciliaveis que não era o deputado que se queria attingir, mas o jornalista. É uma lição dada aos senhores irreconciliaveis.

O deixar de trabalhar está em moda. Existia uma especie que não conhecia, é a dos condemnados. O Sr. Felix Pyat acaba de nol-a indicar. Este bravo e fogoso republicano que tinha prometido 50,000 fr. áquelle que assassinasse Napoleão III aproveitou da amnistia de 15 de Agosto para voltar para a França. Apenas de volta, as columnas do *Rappel* lhe foram frangidas, e como se deve bem pensar todos os seus artigos appellavam para as armas e atacavam continuamente todas as leis.

Neste jogo ganhou 17 mezes de cadeia e quiz antes de ferrar-se do que

camandongos, e deixa e tolera que famosas ratas vaguem impunes, floresçam, e brilhem, fazendo fofoca pelas ruas da cidade.

XLI

Ainda conservava fixada a minha luneta magica no ponto, donde me fingia o rato, quando senti rumor de pessoas que yinhão subindo a escada do salão e ouvi distinctamente a voz do medico. O meu primeiro cuidado foi immediatamente esconder a luneta do mesmo modo que antes fizera: e em seguida fechei os olhos e fugi que dormia tranquillo sonno.

Era meu intento, fingindo-me adormecido, ouvir as observações do medico e dos meus tres ruins parentes para saber o que devia esperar e temer, e como me cumpria, ou me convia proceder.

Confesso que foi grande atrevimento meu queir illudir o medico com um sonno falso; contemporei a ligeireza habitual dos exames de muitos desses doutores que depois do primeiro e esmerilhado estudo do doente, sópno governar a natureza e a molestia, e dão á cada uma de suas vizitas a duração de—cinco minutos por cerimonia.

Desconfio que a visito tem me tornado mordaz: mas os homens mecoem ser tratados assim.

XLII

Entrarão. Reconhecia as vozes do doutor, do mano Americo, da tia Domingas, e da prima Annica.

—Elle dorme; disse a prima Annica.

—Sonno reparador; observou o medico com um tom magistral.

E logo tomou-me o pulso com a maior delicadeza para não me de pertar tocou-me a fronte;

passar esse tempo entre quatro paredes.

Enquanto ao Sr. Ledru Rollin, não teve o trabalho de de terror se de novo, visto não ter abandonado a sua chacara em que mora nos arrabaldes de Londres. Tinha accettato defender os interesses da familia Noir, mas depois reflectio, e como seria obrigado a prestar juramento como advogado, fez com que se procurasse um outro advogado visto que por ora não queria voltar á França.

A Camara dos deputados occupase ha quinze grandes dias da questão commercial. Os protectionistas e os livres cambiadores estão num forte combate. Apesar de todo o talento dos protectionistas que tem á frente o Sr. Thiers, são batidos pelos livres cambiadores que querem a liberdade commercial e não que os tratados de commercio com a Inglaterra sejam desfeitos. O que querem é que a luz seja feita. É uma commissão parlamentar composta de 27 membros foi nomeada pelo corpo legislativo para estudar esta questão commercial. Apesar de que seja um debate puramente commercial a politica entrou n'elle. A prova é o incidente que teve lugar na sessão de 27 de dezembro pelo Sr. Thiers, que no ardo da discussão, tendo-se dirigido aos deputados da direita e do centro direito que em lugar de applaudir não approvavam suas palavras, disse: —Por acaso V.^a M.^a representão a opinião do paiz?

O Sr. Senle de Charpin Feugerolles respondendo ao Sr. Thiers: — Julga tambem o Sr. que representa a opinião do paiz?

O Sr. Thiers—V.^a S. me pergunta se eu creio represental-a?

É essa a sua intenção... Então eis a minha resposta: as opiniões que represento estão assen adas no banco dos ministros movimento prolongado—exclamações diversas) V.^a S. me obriga a fallar em politica.

Diversos membros—E' o Sr. que é o primeiro a fallar n'ella.

passando por ella a palma da mão, e examinou-me o calor dos pés.

—Do mais grave perigo está salvo; disse então o doutor; operou-se uma crise benifica, e a congestão foi a tempo enbarragada. Respondo pelo nosso homem.

—A noticia não pôde ser mais agradável: disse o mano Americo; mas eu receio muito alguma recabida...

—Não é impossivel.

—A causa subsiste...

—Que causa?

—A posse em que elle está da luneta que supprime magica.

—Luneta que é obra do diabo! exclamou a tia Domingas.

—Luneta alevisosa e má; acrescentou a prima Annica.

—Minhas senhoras, não indiciem acreditar no poder magico da famosa luneta para que eu não me convença de que devo tratar aqui de tres doentes em vez de um.

—Essa é boa! tornou a tia Domingas: pois seria a primeira vez que o espirito maligno fizesse das suas no mundo? bem se diz que os medicos não são religiosos.

O senhor doutor talvez tenha razão: disse Annica; ha porém cousas que fazem tontear a gente!

—Eu creio; respondeu o medico em tom brincado: a senhora por exemplo não tem em si o espirito maligno, e com tudo aposto que terá feilo andar ás tontas as cabeças de muitos moços de bom gosto.

—Mas, ora...

—O Sr. doutor; accudiu o mano Americo: tratemos seriamente d'este caso: eu tambem não tenho a simplicidade pueril de acreditar no po-

O Sr. Thiers. — Podem-me chamar revolucionario, mas eu não sou.

Um membro. — Ninguém disse isso!

Rumor.

O Sr. Thiers. — A bem da verdade, se quizerem, accetto todos os titulos que se me der, sou um revolucionario; mas não seja!

Vozes diversas. — Não! Não! Não! disso isso.

O Sr. Thiers. — Oh! Senhores, isto é serio, demais para que eu seja interrompido como o faço.

Não offendu ninguém. Ha seis annos que sustento aqui que precisamos do governo do paiz pelo paiz, e que respeitando ao mesmo tempo profundamento o soberano, julgo preciso que o seu governo seja como o da maioria. Pois!

quando eu disse isso pela primeira vez, me accusaram de ser um insensato. Vo-

vo interrupção.

Isto foi dito, Senhores, n'esta tribuna

alguns achão-se actualmente n'esses bancos, e limitaram-se a pedir, como eu, o que chamava liberdades necessarias, mas a pedir somente uma esperança; Vs. Ss. respeitáram esse melho-

ramento dos 45 (humores em diversos sentid s).

Sim, repellirão isso tudo, e hoje, essas liberdades que chamoi necessarias, essas liberdades das quaes se lhe podia somente a esperança e que repellies-

semos a titulo de esperança, soufento, eis-as sentadas sobre estes bancos (o orador mostra o banco dos ministros—grande interrupção) Esperem!

Pois se representa a maioria do paiz, tao bem como representais a maioria d'esta Camara, então não comprehendo que soffrais que haja alli ministros que

pensem que Vs. Ss. não pensão isto. Vota a aprovação d esquerda — Exclamações d direita e no centro.

Todos os jornaes perguntão se o Sr. Thiers tinha recebido do ministro ou pelo menos de uma parte do ministerio o mandado imperativo de ter essa linguagem precipitada.

É um grave incidente, e consta-nos hoje que certas illustres velhices politicas estão nervosas de mais.

der magico da luneta fatal: todavia meu irmão está possuido d'essa idea.

—O que é não symptoma; convengo.

—Muita gente se culpa offendi: pela luneta e a teme...

—Significo que tambem é preciso tratar dessa gente que padeca tanto, como seu irmão.

—O doutor agradece...

—Não; falo serio.

—Penso que convulsa muito e ainda mesmo á força tomar essa luneta, e quebra-la.

—Francamente; disse o medico; julgo que seu irmão illudido por um supposto magico, tem-se tornado a victimia da propria imaginação exaltada no maior extremo; com effeito essa illusão, de que elle e o sr.avo, assumio o caracter de mania...

—Então...

—Ou é possivel ou impossivel curar-lhe a mania: se é impossivel, para que atormentar seu irmão inutilmente? se é possivel, nós o curaremos da mania mais tarde...

—Mas...

—Agora eu o vejo escapar do apenas á um ataque cerebral que ameaçou tomar proporções terriveis, e o resentimento de qualquer violencia que elle soffresse, seria capaz de levá-lo á sepultura.

—É a influencia malefica da luneta?...

Prohibo que contrariem e que desgostem de qualquer modo o nosso doente.

Então elle realmente doente, senhor doutor? perguntou Annica.

—Cuidado, minha senhoras: esse primo foi muito seriamente ameaçado de uma congestão cerebral: acudimo-lo á tempo; conseguimos prevenir um caso talvez desesperado, mas qualquer imprudencia pode annula ser fatal.

—A minha pergunta...

FOLHETIM.

A

LUNETTA MAGICA

por

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

TOMO I.

PRIMEIRA PARTE.

Visão do mal.

(Continuação do n. 151.)

XL

E fiquei sem poder apreciar essa quadrupede roedor e damnhão pela visão do mal!

O rato é de todos os animaes que tenho encontrado, o unico que não me foi possivel estudar tanto, quanto desejava.

Porque?

Seria isto effeito do acaso?

Ou é que os ratos tem no Brasil o privilegio de escapar á justa curiosidade, e ás justissimas diligencias perseguidoras de quem os deve apanhar, e pôr em boa guarda?

Não creio nesta segunda hypothese.

As ratoeiras abundão: todos o sabem. Agora o que desconfio que seja verdade, é que a justiça publica arma ratoeiras que só apanhão os

O que o S. Imperatriz na sessão de 27 não chamou-se pagar com cartas na mão. E desatou o seu adversário, e atirou-lhe as cartas à cara.

Uma grande entrevista teve lugar. O Imperador parou a pedir ao general Leboeuf uma nota sobre a redução do contingente reclamada pelos ministros e particularmente pelo ministro das finanças. O general respondeu de viva voz que essa redução era difícil de realizar por ora, por causa da agitação dos espiritos e dos receios fundados em que se achava d'um movimento de insurreição. Se se reduzia o exército, elle não respondia poder manter a tranquillidade sobre todos os pontos do território. E de lastimar que o general Leboeuf tenha tido idéas, em ta quasi dizer taes illusões porque os seus collegas persistirão nas suas resoluções. Será por consequencia preciso ou que elle siga a opinião dos outros ou que se retire. Julgo que seguirá a opinião dos seus collegas.

Não se quer ainda dar uma posição ao general Trochu.

De todos os ministros, o general Leboeuf é o unico cuja posição achasse ameaçada.

As minhas cartas de S. Petersburgo me fazem saber que o general Fleury acaba de inaugurar na embaixada de França jantares diplomaticos como os que dava outrora em Paris o Sr. Guizot, então ministro dos negocios estrangeiros. Ali faz-se politica de fantasia e no fumador da embaixada sobretudo, descobrem-se alguns mysterios diplomaticos extremamente interessantes. O principe Gortschakoff gosta d'essas reuniões e só falta a ellas quando lhe impede a gata.

Além das informações exactas que o principe de Metternich acaba de dar ao conde Daru sobre a situação da Austria e sobre as modificações ministeriaes recentemente adoptadas pelo imperador Francisco José, o ministro dos negocios estrangeiros de França recebeu do duque de Gramont, embaixador em Vienna diversos relatorios sobre a politica interior e exterior da monarchia austro-hungara. O conde de Beust entreteve longamente o duque de Gramont com as aberturas do gabinete de Berlin, que approximaria a Prussia e a Austria.

Parece que o gabinete de Vienna estava decidido a obrar n'essa circumstancia só com o concurso da França.

Em Berlin, o rei Guilherme está consternado. Depois da Saxe real que acaba de optar por um desarmamento, os deputados wurtemberguezes querem imitar o exemplo de firmeza dado pelos seus collegas de Dresde. A Prussia resiste e não quer consentir que se tome esta medida e sobretudo por um estado vassallo do gabinete de Berlin. O duque de Baden cujo pacifico governo era tão paternal, não é sufficiente para

—Foi menos prudente: se seu primo a ouvisse receberia cruel impressão. Felizmente elle dorme.

XLIII

Senti verdadeira dor de consciencia por estar com o meu fingido somno enganando ao homem que tão decidido me defendera.

Abaixei os olhos: fiz de conta que despertava.

—Como vamos? perguntou-me o doutor.

—Acho-me bom; mas fraquissimo.

—Fui eu que o enfraqueci: tirei-lhe sangue, como nenhum outro medico se lembra mais de tirar: agora a medida é condemnar a alma; e eu porém adoro ainda a minha...

—Obrigado, doutor. Se me quizer estender sua mão, eu a beijarei... duas vezes.

—Tão bom me acha?

—Pela minha gratidão acho-o optimo.

—Logo nem todos os homens são máos.

Compreendi a allusão e guardei silencio.

—D'aqui a alguns dias resolveremos esta importante questão: agora não lhe permitto conversar nem mesmo com os seus parentes.

—Pode ficar descansado nesse ponto, doutor: juro-lhe que não lhes darei nem palavra.

—Que ingrato! murmurou Annica que me apertava uma das mãos.

—Alem disso quero que esteja absoluta, perfeitamente tranquilla, e sem a mais leve apprehensão triste ou temerosa no animo.

—Como?

—Que é da sua luneta?

—Tenho-a escondida, doutor.

—Estando porque?

—Não me pergunta o que sabe: a minha luneta é o unico thesouro que possuo no mundo ou na vida, e quero roubá-la!

—Não é preciso exaltar-se tanto: confie mais

taxar novos impostos para as despesas exorbitantes do orçamento militar exigido pelo general de Beyer. Todos os estados da confederação do norte, queixam-se da Prussia e da emigração crescente que produz-se entre as populações dos campos pouco acostumadas a vida de quartel.

A visita do archiduque Carlos Luiz a corte da Prussia em Vienna o assumpto das conversas dos homens politicos e da diplomacia. Affirma-se geralmente que as relações entre os gabinetes de Vienna e de Berlin no futuro se sensivelmente ha algum tempo se inferre-se d'esse accordo um penhor para assegurar a paz. O conde de Beust sabe que o governo austro-hungaro está em difficuldades interiores muito graves e faz todos os seus esforços para afastar todas as preoccupações que poderiam vir do exterior. Pretende-se igualmente que o chanceler do imperio escolhido com intenção o conde Chatek para occupar o posto de embaixador da Austria Hungaria em S. Petersburgo, e proseguir em uma tarefa sem diante aquella de que está encarregado o conde de Wimpffen em Berlin.

O conde Chatek, que foi ministro plenipotenciario em Stuttgart conservou todas as sympathias da corte de Wurtemberg cuja rainha é irmã de Alexandre II.

Os despachos telegraphicos de Madrid apressarão-se em annunciar a eleição do duque de Montpensier.

Este não foi nomeado deputado. A ultima hora, o seu concorrente teve os votos que lhe faltavam e o duque foi derrotado. Em Oviedo como em Avilés também não alcançou o que queria: mas ha de se consolar pelas perspectivas que lhe abre o discurso do marechal Prim de que nos deu uma analyse o telegrapho.

A esperança de subir ao throno da sua cunhada parece, com effeito, dever renascer para o duque. Prim recua decididamente, adiante de Topete que mantém a candidatura do duque de Montpensier ao throno.

Recua tão bem que a palavra nunca pronunciada por elle perante as Cortes e que abrangia na mesma exclusão toda a familia de Bourbons, atreve-se só a applicar-a hoje a rainha Izabel e ao principe das Asturias.

Felizmente os destinos da Hespanha não dependem dos caprichos do conde de Reuss.

As cortes votarão por maioria de 150 votos contra 37 que os Bourbons não eram excluidos do throno. Eis por consequencia o resultado da revolução depois de dois annos: corridos pela Europa a procura de um rei, os revolucionarios hespanhoes preparão uma restauração.

Tudo terá sido encurioso n'esses negocios, e, por certos lados, ridiculo. Sal-

em seus parentes que o amão, e que são os primeiros a garantir-lhe a posse do seu pretendido ou verdadeiro thesouro.

—Hontem a noite empregarei a força, lutarão, magoaria-se para arrancar-me a luneta...

Enganouse: hontem a noite o senhor teve ardente febre e delirio... não se passou, o que acaba de dizer: pode usar de sua luneta sem receio algum: tranquillise-se, sereno o seu espirito: os seus parentes estão aqui, e em prova de cuidado e de amor estão prontos, embora não seja isso necessario, a dar-lhe todas as seguranças...

—Sim, mano Simplicio; disse Americo com acentuação enternecida; podes usar da tua luneta com a mais plena liberdade, que eu sei o primeiro a fazer respeitar por todos os meios.

—Benzi-te Deus, menino! que mal nos faz a tua luneta? exclamou a tia Domingas.

—Primo, eu preferia morrer a causar-lhe o menor desgosto: asobrou suavemente Annica com a sua voz de musica afadada.

—Já ouviu? perguntou-me o doutor.

Eu estava dentro de mim revoltado contra aquella hypocrisia refinada dos meus tres parentes inimigos: por elles me era, aguilava ainda uma vez a perversão e a maldade da humanidade, e em meu assanhado resentimento desejei castigos, ostentando a minha desconfiança.

O medico proporcionou-me a oportunidade do castigo.

—Que é da sua luneta?... perguntou-me elle outra vez, notando sem duvida a minha reflexão.

—Receio... desconfio sempre: respondi com azedume franco.

—Apresente-a: sirva-se della; conte com a proteção de seus parentes.

—E quem é delles o fiador? perguntei acerbo.

Percebi um movimento, triplice movimento de

vo o sublevamento republicano, a revolução consistio em dar posição a alguns ambiciosos, a fazer algumas fortunas e a renovar em parte o pessoal do governo.

Se, regente ou rainha, Izabel voltar para a Hespanha, poderá imitar a phrase historica: Não ha nada de mudado na Hespanha, a não ser dois annos mais de passados. Com effeito achará os mesmos individuos, um pouco mais dourados os mesmos generaes com titulos de marechales, mas nem uma virtude, nem uma dedicação, nem um desinteresse patricio de mais.

Pobre Hespanha!

A REGENERAÇÃO.

Desterro, 10 de Março de 1870.

He constristador e ao mesmo tempo repugnante o espectáculo, que presenciei esta capital todas as vezes que ha desembarque de doentes ou convalescentes, vindos do theatro da guerra. A falta de caridade com que são aqui recebidos esses infelizes bravos, que deram o seu sangue generoso em defesa da patria, é notoria. Ainda no dia 5 do corrente mez os transeuntes paravam pasmos ao contemplar uma porção de homens cadavericos, sujos e maltrapilhos, que desfilavam tristes e silenciosos pelas ruas desta cidade em demanda do hospital militar; e compungidos reprovavam altamente a maneira porque eram tratados os vencedores do Paraguay!

Aos que sahirão incolumes dos combates—ovações e coronas; aos que nelles receberam honrosas feridas—desprezo e máo trato!

Assim paga o Brasil os serviços prestados por essa briosa cohorte de invalidos! Assim cura a administração dos infelizes, que tudo sacrificaram ao seo paiz!

Bem vamos. Hum dia, porém, o povo perguntará á seos oppressores—que fizestes do dinheiro que nos arrancastes por meio de onerosissimos impostos sob pretexto de sustentar uma sangrenta guerra em desaffronta dos brios nacionais?

Que fizestes de nosso suor, que nem ao menos serviu para aliviar os soffrimentos de nossos irmãos, prostrados em terra estranha ou pelo ferro iníquo ou pela negra enfermidade, mas

contrariedade e de viva impressão de offensa: libei a minha vingança.

—Injuizo irmão! disse Americo.

—Ao que pedo contra a natureza! bradou a tia Domingas, acrescentando em voz baixa: ave maria. Deas te perdoe!

—Meu primo! como você é ingrato! balbuciou a prima Annica.

O doutor desatara a rir.

Os medicos são os homens que mais riem ou os homens que nunca riem, porque são os homens que mais e melhor estudão a humanidade por obrigação do officio.

Eu quiz provar que me não deixara commover, e aplaudindo em minha consciencia a eloquente risada do medico, firmei a sentença da minha bem fundada desconfiança, repetindo a pergunta:

—E quem é delles o fiador? quem se alveia a ser o fiador dos meus tres parentes?..

—Eu: disse o doutor.

Sem mais hesitar desatete a luneta, representando-a, fixei-a ozadamente, observando em rapido volver as quatro pessoas que estavam diante de mim.

O medico ria-se, como um sarcasmo a rir desenvoltamente.

O mano Americo, a tia Domingas, e a prima Annica mostravam-se contrafeitos pelo vexame, e no mais completo e ridiculo desamparamento.

Como é vil, ruim, baixa e indigna a humanidade!!!

XLIV

Este medico era uma excepção entre os homens?... sou bono e honesto?... a sua boca pronunciou palavras justas e leaes, o seu proceder foi o de um medico consciencioso: enganou-se com o meu fingido somno ou por ligeireza de o-

sempre com o verba de sacr. amor da patria nos labios?

Com o trabalho dos meus braços encheistes as algibeiras dos vossos filloes? Pois bem: vinde agora responder no tribunal popular, que inexoravel, como é, usará do direito de Taliao.

Então, ai! de muita nullidade que por ali campea ufana, coberta de ouropes, e ri-se das dores dos pobres, e das cieztrezes dos bravos.

Mais cuidado, Srs. do Governo! não olvidem tanto os seus deveres para se tentar dos arranjos domesticos!

Mais cuidado! Olhem que o *des* não tarda muito.

INTERIOR.

Correspondencia do Rio de Janeiro.

Côrte, 6 de Março de 1870.

O governo em vista de um artigo que os officiaes dos corpos de voluntarios, aqui chegados, mandaram para a *Reforma*, reclamando contra a asserção do brigadeiro Faria Rocha no discurso que dirigio ao Imperador, resolveu agraciá-los com postos honorarios, e com o pagamento do que lhes devia o Estado.

O brigadeiro disséra que os voluntarios se achavam completamente satisfeitos.

Na reclamação os officiaes declararam—“estarem na verdade satisfeitos, não com as recompensas do governo imperial, mas sim por terem consciencia de inteiro cumprimento do mais penoso dos deveres do cidadão, e pelas demonstrações de alegria, com que o povo os recebeu; e por terem voltado da campanha ainda com forças para ganharem o pão da subsistencia; por que do contrario ver-se-hiam obrigados a mendigar, como seus infelizes camaradas, que voltaram mutilados; mas que se achavam alarmados com a sorte, que os aguardava, quando fossem dispensados das commissões militares, pois que ficariam sujeitos aos caprichos de qualquer esbirro da policia, que poderia submettel-os aos cruéis tratamentos, que só dispensar-se aos cidadãos.”

A que triste estado acham-se reduzido este pobre paiz que já se diz em publicacão reclamação—Nós, officiaes que acabamos de vingar a honra nacional, e que libertamos um povo inteiro do despotismo que o aviltava, regressando á patria, cobertos de lours, tememos a sorte medonha que os esbirros da policia nos reservam. Para preca-

servação, ou por inhabilidade; mas que será este homem no fundo do coração?... evidentemente elle me defendeu: pareceu-me bom e honesto; eu porém não me fio mais em apparencias.

Heide com a luneta magica estudar o meu doutor, quando tiver occasião oportuna.

XLV

Passaram pouco mais ou menos assim cinco dias.

Eu me sentia perfeitamente restabelecido; mas o medico teimava em administrar-me colheres de uma preparação que ajudada de severa dieta debilitava-me cruelmente.

Este tratamento martyrisava-me: no quinto dia obtive que se suspendessem as malditas colheres de remedio que me estavam prostrando; mas ainda me ficou a dieta apenas ligeiramente modificada no sentido reparador.

Apezar disso o medico me convinha: achei nelle o meu protector, e, o que é mais, o defensor dos meus direitos de posse absoluta da luneta magica. Ouvi-o por mais de uma vez lançar o ridiculo sobre os meus tres ferozes parentes que teimavam em sustentar a conveniencia de despojar-me do meu thezouro.

Estimei, amei, adorei o excellente doutor, o unico homem, que eu tinha encontrado com bastante amor á verdade para sustentar que eu não estava doendo, e que não tinha receio da minha luneta, cujo po'ler, se eu nisso acreditava, era dizia elle, apenas innocente mania, facilmente curavel.

(Continua.)

ver-nos contra os *crues tratamentos* que elles sóem dispensar aos *cidadãos*, necessitados da *garantia* dos *galões*....

Como não hade ser isto agradável aos inimigos do imperio, que infelizmente não gosa da menor sympathia quer na Europa quer na America?!

O batalhão 17, de Minas, seguiu a 3 para a sua provincia. Embarcou no trem de ferro, á capucha: e lá foram em grande numero pobres cuja residencia melhor alcançariam obtendo as baixas aqui na Corte, como elles próprios disseram e pediram. Mas o medo é pessimo conselheiro.....

Hoje embarca o de Pernambuco no vapor *Itapicuru*, e amanhã ou terça o da Bahia, no *Galgo*. Vão para suas procedencias.

Fez-se mercê, na forma da lei: ao vice-almirante Tavares, da grã-cruz de Aviz, aos chefes de divisão, Lomba, Faria, e Barboza, da commenda da mesma ordem, sendo nomeados cavalheiros os officiaes de fazenda Guilherme Dias e Joaquim José Alves de Mattos.

— Foi aposentado com as honras de desembargador, o juiz de direito conselheiro Francisco José Furtado, sendo substituído na 1.ª vara commercial da Corte pelo juiz de direito Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, que deixou o logar de auditor de guerra ao actual juiz de direito de Santos, Manoel de Araujo Cunha.

— Consta que os senadores Zacharias, Furtado e Barão das Tres Barras, serão nomeados conselheiros de Estado.

Já é fóra de duvida que, não obstante as perseguições e arbitrios da policia, conseguiria a opposição brilhante triumpho na eleição senatorial de Minas, se não fóra o escandaloso recurso da fraude á que se soccorreram os pelados e pellados da turba reína.

— Na Bahia, a vaga do Visconde de Jequitinhonha, punha em alvoroço quanto vermelho alli conta a idade legal. Hoje a condição constitucional do saber, virtudes, e serviços, posterga-se pelo facto material do tempo da vida.

Quem tem 40 janeiros está apto para occupar uma cadeira na camara vitalicia, com tanto que faça voto de servilismo ao poder pessoal. Viva o imperio!

— Mais um general em perspectiva para felicitar esta Beécia. O Sr. D. Felipe, filho do Conde d'Aquila, assenta praça no dia 14 deste mez como cadete do 1.º regimento de cavallaria, e embarca a 15 para o Paraguay. Ainda vai a tempo!

Tenho fé de que este cadete hade ser feliz na carreira dos postos, e que hade chegar ao grau de marechal ainda antes de achar-se um rei para a Hespanha.

Houtem entrãrão os paquetes *Oneyda* de Southampton e *Uruguay* do Rio da Prata.

O resumo das noticias é este: Abriu-se o parlamento inglez, e, ao inverso do nosso governo que não quer reformas, o ministerio d'aquelle, atrazado paiz exige-as, e amplas.

Na França, houve barricadas, resistência e mortes, por occasião da prisão de Rochefort.

O parlamento prussiano tinha regeitado uma proposta do governo para adiamento das sessões, não obstante todos os esforços do grande Bismarck.

As camaras da Baviera adoptaram um voto de desconfiança ao gabinete, mas o Rei persistiu no proposito de sustentar os seus ministros.

A Hespanha continua sem rei, nunca porém, gosou de mais ordem e liberdade. Morreu em Roma o ministro portuguez, Conde de Lavradio.

No Rio da Prata, nada havia de interesse.

Do Paraguay igualmente nada constava.

Até outra vez.

TRANSCRIPÇÃO.

O fim da guerra.

A serem verdadeiras as ultimas noticias que nos chegaram do Paraguay, a guerra deve a esta hora estar terminada, não só de direito, como ha muito de vera consideração o governo imperial, mas tambem de facto.

São accordes as correspondencias do exercito publicadas nos jornaes do Rio da Prata em que Lopez deixou ha mais de um mez o Panadero, e fugiu precipitadamente em direcção a Bolivia com cerca de 800 homens, abandonando canhões e munições de guerra. Ao general Camara está confiada a missão de perseguir o fugitivo, e espera-se que com os 1500 soldados de cavallaria sob seu commando possa tomar-lhe a frente antes que elle atravesse o rio Paraguay.

O grosso do exercito brasileiro estava inactivo, e o principe já não tinha outra tarefa, senão a de preparar o embarque das forças, que, dizem os jornaes de Buenos-Ayres e Montevide, tem de recolher-se ao imperio em numero de 10.000. Um chefe argentino escreve do Rosario ao Rio de la Plata.

“El principe está hastiado de esta inacción y con deseos de regresar al Brazil.”

Tambem, accrescenta elle, as forças argentinas não se movem da villa do Rosario por não serem necessarias para a perseguição de Lopez, mas fuerças que las que tiene el general Camara, las que se hallan bien provistas de caballería, hacienda y toda clase de viveres.”

Transcrevemos muito de proposito as palavras em hespanhol, afim de que o governo, no seu comminado systema de contrariar a *Reforma* por negação geral, não continue a asseverar que só esta folha por *excesso de zelo* empresta ao principe desejos de volver a patria, e a consciencia do papel secundario que obrigam-no a representar.

Se erramos em algumas de nossas conjecturas, a culpa é do governo que pretende impor-nos silencio pelo mysterio de que rodeia os seus actos, furtando á publicidade documentos que o paiz tem o direito de conhecer e de balde reclamamos para formar um juizo seguro.

Em falta do *Diario Official*, que ás vezes traz o expediente atrazado de um mez, e afinal só publica o que convem ao ministerio, somos obrigados a servir-nos dos jornaes estrangeiros, que não raro estão mais em dia com os negocios do Brasil do que a folha official, e das noticias particulares que nos são remetidas.

Mas nada demove o gabinete Itabary do proposito de não dizer palavra sobre a guerra, como quem renunciase a qualquer intervenção ou voto n'este assumpto,

Assim em quanto a imprensa platina, proclama a guerra *completamente terminada*, o imperador do Brasil pede a Deos que a volta dos voluntarios seja *prevenção* da terminação da guerra, e o seu governo *conserva-se* mudo.

Entretanto parece que já era tempo de instruir a nação sobre a politica adoptada pelo governo em relação ao Paraguay, como entende o tratado da aliança quanto ao fim da guerra, e a reconstituição d'aquella republica.

O governo de Lopez está ou não derribado? Se está, porque continúa a guerra? Se não está que figura faz o governo provisório, instalado sob os auspícios do Sr. conselheiro Paranhos?

Ainda agora vemos o nosso ministro de estrangeiros, residente no Paraguay, legislando para aquella republica por intermedio do governo provisório. O decreto expedido pelo triumvirato em 14 de janeiro, e transcripto no *Telegrapho Marítimo* de 25 de fevereiro ultimo, é na parte relativa á liberdade, propriedade e segurança individual, uma copia quasi literal do artigo 179 da constituição brasileira.

E' esta a missão do nosso ministro?

pode ser ella considerada legitima perante o direito das gentes?

Fôra mais conforme não só aos principios de direito, como aos interesses do Brasil, em vez de prolongar uma dictadura, cuja legitimidade o nosso proprio governo recusa-se a reconhecer francamente, promover a instituição pelo voto nacional de um governo permanente, que inspirasse mais confiança aos outros povos, e com quem os aliados podessem tratar a paz.

Faz-se depender isto, bem como a terminação da guerra, da captura de Lopez ou de sua expulsão do territorio paraguay? Se não se consegue a primeira, quando se reputará alcançada a segunda solução? Lopez já transpôz o Apa, asseguram-no, está fóra do territorio paraguay, e por tanto a guerra deveria estar terminada.

Diz-se-ha que pode voltar, e a que distancia julga o governo que a volta é impossivel? Temos uma guerra que se termina, que se consumma, mas que nunca chega ao seu fim, porque para conseguil-o julga-se indispensavel extinguir os restos desmoralizados de Lopez.

Seja embora, mas para isso não é necessario conservar no Paraguay um exercito sob o commando do principe, e perpetuar a tutela de nesso ministro de estrangeiros sobre o governo daquella republica. Deus queira que não illudamos: mas é de recear que não tardem a surgir do abusivo proceder de nossa diplomacia, e da imprevidencia do ministerio, serias complicações internacionaes.

J. JULIO DE BARROS.

[Da *Reforma*.]

NOTICIARIO.

Consta-nos que o Sr. Dr. Manoel Vieira Tosta recebeu pelo paquete *Santa Cruz*, chegado antes de hontem, carta imperial nomeando-o 1.º vice-presidente desta provincia.

Será isto prenuncio de retirada do Sr. André?

Talvez S. Ex., segundo é voz geral, pretende em breve dizer-nos um enternecido adeus, para ir de novo occupar a sua cadeira de vereador na corte, onde mais conhecido do que aqui, e mais livre das intimas relações contrahidas por occasião dos incommodos de pessoa, que lhe é cara, melhores e mais independentes serviços pode prestar á patria, e ao partido, que com *infamia* o enumera entre os seus *luzeiros* de...brilh reflectido.

Corre que o Sr. Fonseca Galvão fran-sio o sob'olho com a noticia da nomeação do novo vice-presidente, e que disse então aos intimos—mais uma vez o Nebias deixou-se bigodear pela Maritima, pois consentio que um filho deste me preterisse á mim, raridade da cadeia velha, proconsul já experimentado, e digno successor do venerando Neves!

Será verdadeiro este desabafo?

Porque não exclamou o Sr. Galvão como o pequeno Benjamin da grande Minas — Isto só á tiro!

Dado o caso que o Sr. Tosta assuma a administração da provincia, quem virá para a policia?

Conjecturemos:

Será o Sr. Galvão?

Será o Sr. Luiz Duarte?

O primeiro não, porque os resentimentos da ultima eleição ainda estão bem vivos no coração dos Srs. Tosta e do juiz de direito de Lages.

O segundo tambem não, porque, Tosta e Luiz Duarte são entidades heterogeneas.

Os juizes de direito de S. José e S. Francisco não voltam a provincia, se grande consta, e a comarca da capital esta vaga.

Nesta difficil conjunctura só resta um juiz de direito, mas este está no *ban* do imperio, e a vaga não se *supprime*.

O juiz municipal da capital é liberal. *Difficil* com, Sr. Tosta!

O ingenho correspondente do *Desterro* para o *Journal do Commercio*, e confessa e reconhece que o Sr. Neves, 3.º vice-presidente, praticou quando em exercicio e aconselhado pelo Sr. Manoel José de Oliveira, actos *inconvenientes e até illegaes*!!

D' semelhante confissão resulta não ver para o Sr. André que como presidente, não só tem tolerado, mas sustentado alguns dos actos *inconvenientes e illegaes* do seu antecessor!

Sempre é bom saber-se que o ta correspondente escreve com tinta paga! pelo cofre provincial de Santa Catharina.

Vox populi, vox Dei.

Antes de hontem chegou da Corte o paquete *Santa Cruz*, trazendo nos jornaes e datas até 6 do corrente.

As noticias de maior importancia se acham na carta de nosso correspondente.

A febre amarella continuava a fazer estragos no Rio de Janeiro.

Temos ouvido repetidas reclamações contra um abuso, o qual nos merece toda censura.

Na Rita Maria, desde ha algum tempo que os moradores se acham expostos á eminencia de graves perigos, provenientes do facto de ali, em um armazem, se depositar immensa quantidade de couros, salgados, nos quaes se procedia á resalga.

Não contentes com isso, depois de embarcados aquelles, ali estão a envenenar outros, n'esse mesmo lugar, porrem fóra do caza, sendo estendidos logo ao sol na rua.

Estes factos offendem escandalosamente as posturas da camara municipal, e zombam da Delegacia da Hygiene Publica: — pedimos portanto ás autoridades competentes que lancem suas vistas para esse abuso, tendo compaixão ao menos dos habitantes d'aquella rua, onde nos asseveram ter-se desenvolvido febres de mão caracter, e outras molestias graves, que já fizeram victimas.

Valha-nos a Policia, porque a Illustrissima....

Sabemos de reiteradas queixas das esposas dos officiaes, que se achão no theatro da guerra, pela falta do pagamento mensal das consignações feitas por seus maridos, e donde tirão o sustento diario. A Thesouraria não paga por não ter para isso credito.

Está no seo direito, e por isso não lhe dirigimos censura.

Mas o Sr. André, auctorizado pelo decreto n. 2884 de 1.º de fevereiro de 1862, art. 5.º § 7.º, a mandar fazer estas despesas sob sua responsabilidade, e da tem feito, nem mesmo sendo para isso iustado pela Repartição competente, segundo nos consta. S. Ex., entre-

